

06

Sete princípios para cumprir o sonho de Pulitzer

António Granado

Departamento de Ciências da Comunicação, NOVA FCSH

Media

Em 1904, Joseph Pulitzer escreveu, na edição de Maio da *North American Review*, um artigo [1] onde expõe as suas ideias sobre o que deve ser uma faculdade de Jornalismo. Mais de 116 anos depois deste artigo fundador, vale a pena olhar para os seus ensinamentos e perceber o que ainda não fizemos para concretizar o sonho de Pulitzer.

It will be the object of the college to make better journalists, who will make better newspapers, who will better serve the public.
(Pulitzer, 1904, p.678-679)

Comecei a ensinar escrita jornalística em 1996 na licenciatura em Jornalismo da Universidade de Coimbra, então dirigida pelo Mário Mesquita. Desde essa altura, com breves intervalos, tenho introduzido sucessivas gerações de alunos em múltiplas redacções e tenho aprendido com eles muito do que sei sobre a melhor profissão do mundo, como lhe chamava Gabriel García Márquez.

Apesar dos esforços que todos nós, professores de jornalismo, temos feito ao longo dos últimos anos, é claro que o nosso trabalho não tem tido o sucesso que todos gostaríamos. Foi por esse motivo que decidi reler o texto de Joseph Pulitzer que serviu de base à criação da primeira faculdade de Jornalismo do mundo, para tentar perceber se aí poderia encontrar alguns ensinamentos para o futuro. Não só encontrei, como percebi que muitos deles estão ainda por concretizar.

O objectivo de uma faculdade de Jornalismo deve ser – Pulitzer explica-o bem – “fazer melhores jornalistas, que façam melhores jornais, que sirvam melhor o público”. Parece fácil, até porque à academia compete apenas “fazer melhores jornalistas”. A parte de fazer “melhores jornais,

que sirvam melhor o público" já não depende só de nós, mas daqueles que dirigem esses jornais (poderia também dizer rádios, televisões, sites noticiosos).

Neste capítulo, não me vou preocupar com o que acontece a montante, mas apenas com o que deveria acontecer a jusante, dentro da Faculdade, para conseguirmos formar bons jornalistas. Do lado da academia também há falhas e falta de objectivos claros sobre a formação para a profissão. Algumas dessas lacunas poderiam ser corrigidas, seguindo apenas a cartilha de Pulitzer, clara como água em muitas das suas propostas.

It is the idea of work for the community, not commerce, not for one's self, but primarily for the public, that needs to be taught. The School of Journalism is to be, in my conception, not only not commercial, but anti-commercial. It is to exalt principle, knowledge, culture, at the expense of business if need be. (p.655)

1. O Jornalismo serve o público

Esta é a primeira ideia de Pulitzer que precisa de ser reforçada nas nossas escolas. O Estatuto Editorial do Público, onde trabalhei muitos anos, proclama-o claramente: "Público é responsável apenas perante os leitores, numa relação rigorosa e transparente, autónoma do poder político e independente de poderes particulares". Muitos outros órgãos de comunicação social repetem este princípio.

Servir os leitores significa servir a verdade, informar com honestidade, não confundir factos com opinião. Significa ainda, para as escolas de jornalismo, dar cada vez mais atenção às necessidades daqueles que nos lêem, escutam e vêem, tentando responder aos seus

anseios e questões. Significa fazer mais serviço público e ensinar aos nossos alunos em que é que esse serviço consiste exactamente.

Give me a news editor who has been well grounded, who has the foundations of accuracy, love of truth and an instinct for the public service, and there will be no trouble about his gathering the news. (p.678)

2. O Jornalismo funda-se na credibilidade dos seus praticantes

Numa época em que as notícias falsas se espalham com grande velocidade, o jornalista tem de ser o garante do rigor da informação. Não basta saber escrever depressa, é preciso saber escrever bem e transmitir informação correcta, demore o tempo que demorar. Numa época em que o jornalismo se faz cada vez mais à secretária, é essencial ensinar a reportagem e praticá-la.

Se o jornalista não é o autenticador da informação que todos os dias encontramos nas redes sociais, então não serve para nada. Se se confunde com os que espalham boatos, repetem ideias feitas ou seguram acefalmente em microfones e câmaras, então não é verdadeiramente um jornalista e só serve para denegrir a própria profissão. Nas nossas escolas, temos obrigação de explicar que a credibilidade individual não se vende.

Without high ethical ideals a newspaper not only is stripped of its splendid possibilities of public service, but may become a positive danger to the community. (...) News is important – it is the very life of a paper. But what is life without character? (p.667)

3. O Jornalismo respeita a ética e a deontologia profissional

O escrupuloso cumprimento do Código Deontológico do Jornalista deve ser o princípio norteador dos nossos ensinamentos nas faculdades de Jornalismo. O futuro jornalista tem obrigação de conhecer essas normas e tem de ser capaz de as pôr em prática. A presunção de inocência, o respeito pela privacidade, o tratamento digno dos entrevistados, a excepcionalidade do anonimato das fontes não podem ser apenas frases bonitas.

Acima de tudo, os nossos alunos têm de perceber que "o jornalista deve recusar as práticas que violentem a sua consciência", como muito bem determina o artigo 6º do Código Deontológico. Essa recusa deve ser invocada sempre que estejam em causa violações graves da prática jornalística, como aquelas que contrariam abertamente os direitos dos outros. Como explica Pulitzer, é esta a única questão que nos deve interessar: "O que é a vida sem carácter?"

The regular student of law must learn not merely the principles, but the practice and precedents, of his profession. But the journalist needs to know only the principles and theories of law and so much of their application as relates directly to the rights and the welfare of the public. (p.665)

4. O Jornalismo combate as limitações à liberdade de informar

Entender as leis do país, perceber os direitos e deveres dos cidadãos, conhecer os direitos de autor e respeitá-los, mas também ter presente a Declaração Universal dos Direitos do Homem e saber que não tem de haver imparcialidade quando estão em causa as ofensas a estes direi-

tos. Não deve haver igualdade de tratamento para ciência e pseudociência, tolerância e intollerância, liberdade e escravidão, democracia e ditadura.

Para além disto, é fundamental que as nossas escolas de Jornalismo ensinem os seus alunos a usar a lei para obter os documentos demasiadas vezes negados pelas autoridades públicas. O terceiro artigo do Código Deontológico é claro a esse respeito: "O jornalista deve lutar contra as restrições no acesso às fontes de informação e as tentativas de limitar a liberdade de expressão e o direito de informar. É obrigação do jornalista divulgar as ofensas a estes direitos".

Commercialism has a legitimate place in a newspaper. The more successful a newspaper is commercially, the better for its moral side. (...) But commercialism, which is proper and necessary in the business office, becomes a degradation and a danger when it invades the editorial rooms. Once let the pub lie come to regard the press as exclusively a commercial business and there is an end of its moral power". (p.659)

5. O Jornalismo não se confunde com "conteúdos editoriais" pagos

A divisão entre o sector editorial de um órgão de comunicação e o seu sector comercial é sagrada. Não pode haver misturas, nem quem trabalhe para os dois lados. Essa separação é, e sempre foi, o garante da independência e da credibilidade do próprio Jornalismo. Cada vez que uma reportagem paga aparece num órgão de comunicação é mais um prego no caixão da credibilidade que devíamos preservar a todo o custo.

Nas faculdades de Jornalismo não podemos

facilitar, ceder às pressões para elaborar "conteúdos editoriais", essa espécie híbrida, feita a pedido de marcas e paga por elas, disfarçada de jornalismo e incentivada pelos departamentos comerciais. Não é para fazer estes "conteúdos" que servem as escolas de Jornalismo, nem sequer para os ensinar a fazer.

Statistics are not simply figures. It is said that nothing lies like figures – except facts. You want statistics to tell you the truth. You can find truth there if you know how to get at it, and romance, human interest, humor and fascinating revelations are well. The journalist must know how to find all these things – truth, of course, first. (p.673)

6. O Jornalismo de Dados tem de ser uma aposta

Apesar de ser uma disciplina cada vez mais importante para nos ajudar a compreender a sociedade em que vivemos, a verdade é que o Jornalismo de Dados ainda não entrou seriamente nas escolas de Jornalismo em Portugal. Mas já em 1904, Joseph Pulitzer alertava para a importância da "estatística" na revelação de histórias escondidas, de interesse humano, capazes de entusiasmar leitores/ouvintes/telespectadores, aqueles que os jornalistas têm obrigação de servir.

Numa altura em que as políticas de Administração Aberta colocam ao nosso dispor enormes quantidades de dados que é preciso tratar e explorar, é pouco compreensível que as escolas de Jornalismo não estejam a preparar profissionais aptos a mergulhar neste manancial de informação. Para o seu tratamento, é essencial combinar a análise desses dados com um olhar jornalístico capaz de detectar e explicar as suas implicações.

My hope is that this College of Journalism will raise the standard of the editorial profession. But to do this it must make the distinction between real journalists and men who do a kind of newspaper work that requires neither culture nor conviction, but merely business training. (p.656-657)

7. O Jornalismo deve ser exercido com convicção

O principal objectivo de uma faculdade de Jornalismo deve ser, em última instância, ajudar a melhorar o exercício da profissão. E essa melhoria só pode ser conseguida se os professores de Jornalismo forem capazes de transmitir aos seus alunos a paixão pela profissão e o absoluto respeito pelos seus princípios. O jornalista não é polícia, não é inspector das finanças, não é advogado nem juiz. É simplesmente um jornalista, e em todas as circunstâncias se deve comportar como tal.

Para quem ensina Jornalismo fica a responsabilidade de formar cidadãos curiosos, capazes de ver para além da espuma dos dias, treinados para "ir onde está o silêncio e dizer alguma coisa", como defendeu a jornalista americana Amy Goodman. Mas, acima de tudo, jornalistas avessos à ditadura do imediato, teimosamente rigorosos e convictos do seu papel fundamental em qualquer sociedade democrática. ■

Referências

[1] Pulitzer, Joseph, "The College of Journalism", North American Review, Maio de 1904.